

O BANQUETE MONSTRUOSO

Tereza Pereira do Carmo – ISEAT

Introdução: do mito

O mito da família de Tiestes aparece na poesia dramática antiga em diversas ocasiões. Entre os tragediógrafos gregos o mito aparece na Orestéia (*Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumenides*) de Ésquilo; *Electra* de Sófocles e *Ifigênia em Tauris*, *Orestes*, *Electra* e *Ifigênia em Áulis* de Eurípides.

Entre os latinos, alguns poetas trágicos interessam pelo mito dos Atridas. São conhecidos fragmentos do *Tiestes* de Ênio, o mito também aparece em *Atreus* de Ácio e em três peças de Sêneca: *As troianas*, *Agamêmnon* e *Tiestes*.

Em Sêneca a temática dos Atridas aparece n’*As troianas* na personagem Agamêmnon, filho de Atreu, que consente o sacrifício de Polixena e de Astianax, filho de Heitor. Em *Agamêmnon* o herói grego morre pelas mãos da esposa Clitemnestra que tem por amante Egisto, filho do incesto de Tiestes e sua filha Pelópia. É interessante notar que o *Agamêmnon* de Sêneca inicia com o fantasma de Tiestes, que ao fim e ao cabo fará cumprir a vingança através de seu filho Egisto sobre o filho de Atreu, como anuncia no final da peça *Tiestes*.

A família é o espaço adequado a tragédia. Esse é o caso dos Atridas ou Tantálidas. Tiestes e Atreu são netos de Tântalo e filhos de Pélope. Instigados por sua mãe Hipodâmia, Tiestes e Atreu matam seu meio irmão Crisipo. Ao saber do ocorrido Pélope expulsa os dois irmãos e os amaldiçoa. Atreu e Tiestes refugiam em Micenas e com morte do rei, o oráculo aconselha que um dos irmãos seja o rei de Micenas. Para resolver a questão, Tiestes propõe que o reino seja entregue àquele que possuísse o velo de ouro, símbolo da prosperidade da família reinante. Acontece, no entanto, que o cordeiro foi um presente do deus Mercúrio a Atreu com o intuito de suscitar a discórdia entre os irmãos. Dessa forma o deus vinga de Pélope por ter matado seu filho Mírtilo.

A esposa de Atreu, que era amante de Tiestes, rouba o velo de ouro e o entrega a Tiestes. Quando Tiestes entrega o cordeiro de ouro aos Micenas o sol retrocede em seu curso, revelando a farsa de Tiestes, dando a Atreu o trono de Micenas. Tiestes foge com a cunhada para Élide e com ela tem outros filhos e uma filha. Preocupado em vingar do irmão, Tiestes procura o oráculo que lhe revela que da união com sua filha nascerá um filho que o vingará. Assim sendo, Tiestes não hesita e tem um filho com sua filha. Egisto, fruto da união de Tiestes com a filha matará Agamêmnon, filho de Atreu. Porém, antes disso, Atreu prepara a sua vingança. Exatamente esta parte do mito que Sêneca nos conta.

1. Filosofia e representação

O filósofo latino reflete sobre a condição humana em sua tragédia. Segundo Soares (2004, p.53): “nele não há catarse no sentido aristotélico (Poética, 1449b), não há *moira*, nem *Tyche* a pesarem sobre o herói”. O estoicismo de Sêneca permite que suas personagens ajam não guiadas pela razão, mas sim, pelos sentimentos. Sabendo que o homem se distingue dos animais pela razão e também por ela se aproxima dos deuses, quando o homem não se deixa guiar pela razão suas chances de felicidade plena são limitadas. Estará sempre sujeito as contingências da Fortuna.

Em Sêneca, as protagonistas trágicas são culpadas, segundo Segurado (1996, p.41) em comentários a sua tradução do *Tiestes* de Sêneca todos os protagonistas de Sêneca “são exemplos de comportamentos negativos”. Tais comportamentos, mediados pela paixão, dá a Sêneca a possibilidade de explorar a alma humana e sua condição de limitado, mortal, apesar da razão.

Em *Les monstres de Sénèque*, Florence Dupont aponta para um “código” nas tragédias romanas que são regras correspondentes àquilo que o público romano esperava¹. Todo poeta que buscava obter sucesso deveria seguir esse “código”, que consistia em assunto, lista de personagens e seus caracteres, sucessão de cenas, monólogo inicial até o desfecho com o quadro final (DUPONT, 1995, p. 11).

¹ As traduções citadas dessa obra são de nossa responsabilidade.

Quando a personagem se vê atingida por uma grande dor, há espaço para um grito desumano. Nesse momento, “é a descoberta de uma identidade nova, dentro de outro mundo, esse de monstros” (DUPONT, 1995, p. 17). É uma descoberta que vale também para as cenas de carnificina, quando o corpo da personagem se encontra mutilado, dilaceradas, ensangüentadas. “A ação trágica é centrada no corpo do herói, porque o corpo do herói é uma parte indissociável da de sua pessoa heróica”(DUPONT, 1995, p. 18).

É o momento da metamorfose das personagens trágicas em monstros: é essa transformação que atribui ao espetáculo a sua razão de ser.

Sêneca é, de acordo com Dupont, um criador de monstros. As personagens de suas tragédias metamorfoseiam durante o espetáculo. É o homem que se transforma em monstro (DUPONT, 1995, p. 55) por excesso de dor. A personagem trágica de Sêneca vive o *furor*, uma espécie de loucura furiosa que possui o herói trágico e o leva a cometer crimes contra a humanidade. O crime cometido em consequência do furor é um crime hediondo, um verdadeiro *nefas*. É o *nefas* que transforma a personagem trágica em monstro.

2. Tiestes

Apresentada em 2002 pelo grupo de Teatro da Cornucópia, companhia portuguesa, a tragédia senequiana é assim apresentada no programa do grupo:

Tiestes, como as outras tragédias do filósofo e dramaturgo do século Id.C., preceptor de Nero, que tanto influenciou a história da tragédia a partir do Renascimento e que Antonin Artaud preferia a todos os outros tragediógrafos, é uma recriação de um mito grego tornado em história exemplar a uma escala de monstruosidade humana. Fala-se da luta sangrenta pelo poder entre dois irmãos, Atreu e Tiestes, netos de Tântalo, fundador da casa dos Àtridas. (...) A tragédia conta agora a vingança de Atreu sobre Tiestes, que ele atrai de novo ao palácio para lhe assassinar os filhos e os dar de comer ao pai.(...) O fantasma de Tântalo é convocado. Uma das Fúrias preside a todo o desenrolar da tragédia. Os lamentos, as narrativas, os coros, sucedem-se como um densíssimo canto político de reflexão sobre a organização da sociedade humana e os horrores que gera o poder. À competição, à opulência e à violência das guerras, o filósofo opõe a "doce quietude" e a "modesta condição". O texto ganha, evidentemente, nova ressonância no nosso tempo.²

Sêneca desde o prólogo faz surgir o fantasma de Tântalo do mundo infernal e uma das Fúrias³ que vêm preparar o crime de Atreu. Desde o prólogo temos em potência um monstruoso crime anunciado: “cometa-se um crime a moda Trácia, mas superior em número” (SÊNECA, v. 55-56). Como é um crime à moda Trácia? Ora, o crime hediondo cometido na Trácia deixou toda a Trácia improdutiva. Conta-se que enlouquecido por Dioniso, Licurgo mata o filho com um machado pensando cortar uma videira. E o próprio Tântalo serviu o filho em banquete aos deuses. Um crime ritual. Em Sêneca a Fúria deixa claro qual será o tipo de crime cometido. Tântalo é o iniciador da série de crimes da família dos tantálidas. Diante do tamanho horror anunciado pela Fúria, o espectro de Tântalo recua, nega-se a praticar, prefere voltar ao seu castigo eterno, mas, acaba por submeter. O coro enumera os crimes da família de Tântalo e deseja que “cansada enfim, possa perder seu duro instinto a ímpia progênie do sequioso Tântalo” (v. 136-137). Toda a base para a construção do crime de Atreu está construída.

3. O sono da razão produz monstros

No *Tiestes* de Sêneca a covardia, o ódio, a vingança, e a traição elevam-se ao limite do horror e revelam um profundo sadismo. Tântalo é um miasma no mito. É a ancestralidade do crime que somente um esforço da vontade poderá evitar. Tudo está anunciado no prólogo. O sonho da razão já criou todos os monstros. O desenrolar da monstruosidade se apresentará ao público.

² <http://www.teatro-cornucopia.pt/tiestes/tiestes.htm> (1 of 3) (08-10-2009)

³ Não fica claro qual das Fúrias Sêneca coloca em cena. Tudo indica que é Alecto, como na *Eneida* canto VII que é a Fúria enviada por Juno. Mas há uma possibilidade de Sêneca ter fundido as três fúrias em apenas uma.

Atreu não conformado com a traição do irmão e da esposa arquiteta e se inquieta. “Animo, Atreu, comete algo que nunca a posteridade aprove, mas jamais esqueça também” (v. 192-193). O desejo de Atreu é um crime grandioso, uma vingança inesquecível. Sêneca constrói um monstro prepotente, sem princípios morais, alheio a opinião de outrem e que só pensa em vingar-se do irmão. Atreu está dominado pela paixão.

Diante do desejo de Atreu a razão vem do ministro. Em *Tiestes* a personagem do ministro funciona como as amas das heroínas como Medeia, Fedra e Dejanira. O ministro de Atreu tenta enfraquecer os argumentos do rei que a cada momento ficam mais e mais sinistros. Primeiro o ministro apela para opinião pública. Atreu dispensa, sabe que não é um cidadão comum. O ministro argumenta que “considera crime fazer mal mesmo a um mau irmão” (v. 219). Após desfiar os crimes cometidos por Tiestes, Atreu afirma que nada tem de certo, nem os filhos, nem o poder “senão um irmão inimigo” (v. 241). Enfim Atreu revela seu plano.

Qual a melhor maneira de vingar-se de um irmão? Atreu faz sua escolha. Oferece ao irmão a melhor iguaria: a carne e o sangue dos filhos. O crime pretendido por Atreu não é um crime comum. Estamos diante do *scelus nefas*, não é um crime banal, mas sim um sacrilégio, que atinge toda a organização do mundo humano e divino. A justiça dos homens não pode punir tal crime, incapaz de agir perante tal ofensa, como foi adiantado por Dupont (pp. 46-48).

Em *O poder da palavra na tragédia latina* Montagner afirma que os mitos gregos romanizados nunca mudavam o nome das personagens. O mito presente na tragédia grega pertencia à realidade do povo grego que o celebrava como memória. Para o romano não há celebração para o mito assim como não há necessidade de explicar o crime trágico.

Basta lhe apenas situar tal crime fora das leis humanas, atribuindo-lhes simplesmente a noção que, no direito romano, era concebido como *scelus nefas*, um crime simbólico, contra a humanidade, contra as leis do mundo. Ademais, uma peça assim, nunca é romanizada, em são traduzidos os nomes das personagens nem dos lugares. Tal crime é praticado por um grego, que se transforma em ser monstruoso. (MONTAGNER, 2007, p.2)

A força que move a peça é o furor, a loucura trágica que acomete Atreu. O rei tem um objetivo, a destruição física e moral de seu irmão Tiestes. Principalmente a destruição moral. A transformação do humano em monstro é construída por Sêneca a partir do furor que leva ao nefas, o crime hediondo com característica desumana, fator indispensável na transformação do homem em monstro. Atreu deseja praticar um crime inédito que horrorize os homens e os deuses. Atreu pretende realizar um crime fora do senso comum. Quem realiza é um homem em fúria.

Oxalá eu pudesse deter os deuses em fuga
E fazê-los voltar à força, para que todos contemplassem
O banquete da vingança! (v. 893-8950)

Sua *hybris* é ilimitada, o crime é praticado porque a claridade da razão é totalmente subjugada pelas trevas e o adormecimento da razão produz monstros. Tiestes humilha-se publicamente perante o irmão, na tentativa de comovê-lo, pois presente que Atreu tem em seu peito o desejo de vingança. Após a falsa reconciliação, Atreu anuncia:

A tua fronte venerada cinge com o diadema que te ponho.
Agora vou oferecer aos deuses as vítimas destinadas. (v. 544-545)

É o momento da realização do crime. Obedecendo as normas que impediam a apresentação de cenas de horror, a narração do mensageiro leva-nos a local do acontecimento monstruoso. O coro diante do mensageiro horrorizado questiona:

O nosso espírito manténs em cruel incerteza
Revela o que te horroriza, e qual foi o seu autor
Não te pergunto quem, mas qual dos dois! Fala depressa. (v. 638-640)

Detalhadamente somos apresentados ao local do crime. O palácio é um labirinto ameaçador. Labirinto da razão?

Na parte mais profunda e retirada da casa há um lugar secreto
(...) onde árvore alguma jamais
Mostra ramos floridos ou se submete ao podador;
De teixos, ciprestes e negras azinheiras
Agita-se sombrio bosque, no qual sobressai
Altaneiro um carvalho que as outras copas domina (v. 650, 652-656)

Com estas tristes cores Sêneca nos introduz ao local do crime, não é o que se espera de um palácio real. Tudo sombrio, sem ouro, prata ou brilho. Cores melancólicas, deprimentes. Até a fonte do jardim secreto do palácio tem uma canção estática.

Uma triste fonte encontra-se na sombra e, preguiçosa, estagna
Formando negro pântano (...)
Dize-se que aqui, na escuridão da noite, gemem os Numes
Infernais, ressoa no bosque o arrastar de cadeias,
Ululam os Manes. Tudo quanto só de ouvir faz medo
Pode ali ver-se. (v. 665-666, 668-671)

Além de amedrontador o jardim do palácio está cheio de objetos que lembram todos os crimes dos Tantálidas, uma espécie de museu de horrores com sonoras tubas, carros destruídos, despojos do Mar de Mirto e rodas vencidas com seus carros sabotados (660-661)...

Onde está o jardim encantador que esperamos encontrar em um palácio? Não existe no reino de Atreu. O que encontramos são fantasmas senis, monstros gigantescos, ou como diz o poeta, maiores que o normal, misteriosas chamas que ardem sem fogo e o ameaçador ladrar de Cérbero, o cão infernal (v. 671-678). Para Segurado e Campos (1996, p.43) o jardim secreto não passa de uma nova evocação das trevas da razão.

Em seguida entra Atreu furioso com os filhos de Tiestes amarrados como vítimas de um sacrifício. Tudo está preparado para imolar as vítimas, o incenso, o licor sagrado de Baco, o cutelo, até farinha e sal. Em nada Atreu pretende errar. Segue a risca os preceitos tradicionais do ritual, não deseja que o crime que vai praticar cometa um crime contra o ritual (v. 689).

Temos aqui uma personagem trágica furiosa, uma fúria que não está no direito romano, pois o furioso jurídico pode ser reintegrado à família. Seu momento de fúria é provisório e o crime cometido não é um *scelus nefas*.

O *scelus nefas* é realizado pelo herói trágico, um *furiosus*, que, ao cometê-lo, não recebe julgamento, pois seu crime vai além da competência da justiça humana, já que sua realização o põe fora da humanidade. Não é mais possível resgatar o criminoso trágico, reintegrá-lo à família e deixá-lo gerir sua própria vida (MONTAGNER, 2007, p. 5)

Em sua fúria sobre-humana Atreu é o sacerdote do sacrifício. Ele é que faz tudo sem omitir nenhuma parte do rito. Todo o cosmo se comove com o crime cometido, exceto Atreu. Uma estrela tomba, o bosque estremece, o solo abala, o vinho transforma em sangue, no templo o marfim chora, aos deuses enche de horror. O poeta metamorfoseia o criminoso em tigre esfomeado:

Tal como nas florestas do Ganges um tigre
Esfomeado hesita entre dois vitelos,
Ávido de ambas as presas, mas sem saber qual
Há de morder primeiro: abre a mandíbula para um
Vira-se para outro, e mantém a fome em suspenso;
Assim o duro Atreu observa as vítimas destinadas
À sua ira sacrílega. (v. 707-713)

A imagem criada por Sêneca de homem/animal, racional e irracional diante das vítimas a serem imoladas é aumentada com outros adjetivos: feroz, cruel. Como tigre comete os dois primeiros assassinatos. Em seguida, como um leão ouriçado das florestas da Armênia, com as faces ensopadas de sangue e já sem fome, mas repleto de fúria Atreu se encoleriza e espuma ira. Como animal selvagem assassina a criança mais nova e deixa o altar dos deuses repleto de sangue.

O sacrilégio não finda com o triplo assassinato. “Porventura maior atrocidade pode a natureza suportar?” (v. 745) indaga o coro. Sim, Atreu comete o crime que “século algum julgará possível, que a posteridade sempre negará” (v. 753-754). De sacerdote/carrasco Atreu transforma-se em cozinheiro. Arranca as vísceras, recolhe o sangue, corta os corpos em pedaços, separa os membros do tronco, cruelmente pica a carne e quebra os ossos. Preserva apenas as mãos e o rosto. Não por piedade, mas para tornar o crime maior em sacrilégio.

Leva os corpos ao fogo que foge de tais iguarias e como o cozinheiro insiste contra a vontade o fogo continua ardendo. Quem geme mais, o fogo ou os corpos? O mensageiro não sabe dizer, tamanho ódio ele presencia.

O banquete está pronto. Mesa posta, Tiestes aguarda ser servido e inocentemente:

(...) o pai despedaça
os filhos, mastiga seus membros na boca funesta!
Os cabelos brilham úmidos de líquido perfume,
Está entorpecido pelo vinho. Muitas vezes os dentes se uniram
Retendo o alimento. (v. 778-782)

Febo, o sol que tudo vê, foge do céu diante do horror, pela segunda vez a família de Tântalo faz o sol recuar. Atreu sente-se superior a todos os astros e afirma não necessitar mais dos deuses. O mal praticado deixa o rei inteiramente satisfeito, mais que satisfeito. Quer agarrar os deuses que estão em fuga e obrigá-los a contemplar o banquete da vingança. O monstruoso banquete cuidadosamente preparado. Deseja que Tiestes esteja sóbrio para revelar o feito. A sala do banquete está em festa e é lá que Atreu apresentará ao irmão toda sua feliz maldade. É preciso superar os seus ancestrais:

Sinto-me como o mais excelso dos deuses,
Como o rei dos reis! Ultrapassei quanto podia esperar! (...)
Beba este pai o sangue diluído dos seus filhos; (v. 911-912, 917)

Diante do irmão Tiestes Atreu apresenta o que resta dos sobrinhos. Vagarosamente revela para ver a passagem da felicidade à infelicidade. Atreu degusta cada gemido de Tiestes. Face a face com o irmão que pede o direito sagrado de sepulturar os filhos, Atreu revela que o pai é sepultura dos filhos porque os devorou no banquete sacrílego. A imagem é macabra. Os filhos de Tiestes estão no seio do pai. Como é sepultura dos filhos, Tiestes não pode como é comum nas tragédias, agredir ao próprio corpo. Se assim o fizer, profanará o corpo dos filhos de quem é sepulcro vivo. A dor instaurada em Tiestes diverte Atreu e mostra como o rei sente-se vingado. Em Tiestes a vingança é um prato que se come quente. Para Atreu há limites para o crime, porém o mesmo não acontece com a vingança. Ver o sofrimento do irmão proporciona prazer a Atreu que afirma em uma anti-catarse:

Só agora louvo as minhas mãos,
Só agora alcancei a verdadeira meta. Daria por perdido o meu crime
Se não sofresses assim. (v. 1096-1098)

Consumatum est. A natureza está contaminada pelo crime de Atreu. O céu está deserto e escuro. O sol fugiu, os deuses fugiram. Os homens estão sem os deuses. Nem mesmo os deuses conseguem dominar a mente humana dominada pelo *Pathos*. Atreu é guiado pela paixão que deveria dominar. Para praticar tamanho horror é necessário romper com a razão, com a virtude, buscar a sabedoria. O desejo de Atreu é vingar-se de um crime cometido pelo irmão. O dois vem de uma linhagem de criminosos. O *scelus nefas* praticado nos laços de sangue e repetido no âmbito de uma mesma linhagem, da culpa hereditária, transmitida de geração em geração. Tiestes aguarda uma vingança futura: “virão deuses vingadores: a eles os meus votos confiam a tua punição” (v. 1110). Sêneca concebe um homem monstruoso e doente que só vê uma opção em sua vingança. Afinal “nunca se vinga um crime quem o não ultrapassa!” (v. 195-196).

Referências

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Estudo sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005a.

CARDOSO, Zélia de Almeida. A função didática das tragédias de Sêneca. *Paideuma*, [São Paulo], 2005b. Disponível em: <<http://www.paideuma.net/zelia4.doc>>. p. 1-9.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005c.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DUPONT, Florence, *Le Théâtre Latin*, Paris, Armand Colin, 1998.

_____. *Les monstres de Sénèque*. Paris: Belin, 1995.

MONTAGNER, Aírto Ceolin. O poder da palavra na tragédia latina. In: *IV Congresso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, São Gonçalo, 2007. Anais do IC CLUERJ-SG. São Gonçalo, RJ, 2007. v. 1.

PIRATELI, Marcelo Augusto; PEREIRA MELO, José Joaquim. O caráter pedagógico da poesia trágica de Sêneca. In: *Seminário de Pesquisa do PPE*, 2008, Maringá. Anais do Seminário de Pesquisa do PPE, 2008. p. 1-10.

SEGURADO E CAMPOS, José António. Introdução. In: SÉNECA. *Tiestes*. Lisboa: Verbo, 1996. p. 9-54.

SÉNECA. *Tiestes*. Trad. José António Segurado e Campos. Lisboa: Verbo, 1996.

SOARES, Nair de Nazaré Castro. O drama dos Atridas: a tragédia Thyestes de Sêneca. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, n. 6, p. 51-98, 2004.

CORNUCOPIA, teatro. Disponível em: <<http://www.teatro-cornucopia.pt/tiestes/tiestes.htm>>. Acesso em 08-10-2009.

VEYNE, Paul. *Sêneca y el estoicismo*. Trad. M. Utrilla. México: Fondo de Cultura económica.